Música de Protesto e Adultocentrismo: Rupturas na Construção do 'Adulto Ideal' durante a Ditadura Militar Brasileira

[1]Universidade Estadual do Ceará, Faculdade de Educação, Ciências e Letras do Sertão Central/FECLESC, e-mail: olavo.bezerra@aluno.uece.br

[2]Universidade Estadual do Ceará, Faculdade de Educação, Ciências e Letras do Sertão Central/FECLESC, e-mail: lenucia.moura@uece.br

[3]Universidade Estadual do Ceará, Faculdade de Educação, Ciências e Letras do Sertão Central/FECLESC, e-mail: rute.garcia@aluno.uece.br

[4]Universidade Estadual do Ceará, Faculdade de Educação, Ciências e Letras do Sertão Central/FECLESC, e-mail: kellysvania.aquino@aluno.uece.br

RESUMO: Este estudo investiga a relação entre as músicas de protesto (décadas de 1960-1980) e a ruptura do arquétipo de "adulto ideal" consolidado durante a ditadura militar, período marcado por controle social e valores conservadores. O modelo vigente, fundamentado no adultocentrismo, exaltava um indivíduo disciplinado, obediente, pontual e centrado no trabalho, como exemplificado na canção "O Bonde de São Januário", reforçando que o valor do sujeito estava ligado à produtividade. Tais valores contribuíam para a invisibilização da infância e da juventude como sujeitos históricos e culturais. A metodologia, de natureza qualitativa, utilizou entrevistas semiestruturadas com três perfis sociais distintos, além de revisão bibliográfica em História e Educação. Os resultados indicam contradições nos discursos dos entrevistados, que, embora valorizem trabalho e disciplina, apresentam práticas que se distanciam do modelo tradicional. Conclui-se que a música de protesto atuou como suporte simbólico e instrumento de resistência, tensionando valores dominantes e ampliando as formas de compreender as relações entre adultos e crianças, também evidenciando influências culturais indiretas nas trajetórias e percepções dos sujeitos.

PALAVRAS CHAVES: adultocentrismo; ditadura militar; música de protesto; poder simbólico

INTRODUÇÃO

A pesquisa analisou a relação entre as músicas de protesto e uma possível ruptura de uma visão de adulto ideal, que se mantinha nas décadas de 60 a 80 em um período marcado por uma ditadura, onde se reproduzia uma visão de adulto "perfeito", visão essa que era imposta não só por parte do estado, mas também por uma sociedade conservadora e autoritária, que repassava um arquétipo de trabalhador perfeito que via no trabalho sua vida, onde o indivíduo só teria relevância no cenário social se ele fosse um trabalhador pontual, obediente, disciplinado e patriota, esse pensamento visava um tipo de "adestramento" dos próprios indivíduos por parte da sociedade e estado.

A perspectiva de trabalhador perfeito aparece na canção "O Bonde de São Januário", composta por Ataulfo Alves e Wilson Batista, reforça a ideia de que o valor do sujeito está no trabalho, ao engrandecer o operário que se desloca diariamente para cumprir sua função. Canção essa produzida em um período marcado por outra ditadura no Brasil, anterior à que está sendo abordada neste estudo, a música afirma que "quem trabalha é que tem razão", reproduzindo assim um discurso de valorização da disciplina, característico desse contexto histórico. (ALVES; BATISTA, 1940).

Apesar das músicas de protesto não serem tão valorizadas como produto social e cultural, vale ressaltar que essas composições têm uma grande relevância para a historiografia, da educação e dos estudos culturais, ao evidenciar como tais produções questionaram hierarquias sociais e mecanismos de manutenção do poder simbólico durante o regime ditatorial. Pois só entenderemos o contexto do tempo e espaço que a canção foi feita a partir da própria letra da composição, essas músicas engajadas vêm como uma pedra no sapato de um sistema autoritário e conservador, essas músicas puderam repassar para a juventude uma visão contraditória aos bons valores que eram ditados perante aquela época e consequentemente com a "realidade" vivida na sociedade naquele período.

A escolha de investigar essa possível ruptura partiu da premissa que pouco se vê pesquisas com essa abordagem temática, e esse estudo vem contemplar essa ausência, a pesquisa também parti da necessidade de compreender como essas músicas influenciaram a juventude das décadas de 60 a 80 a questionar os "bons valores" e a ideia de "adulto ideal" e consequentemente a criticar o sistema autoritário que se perpetuava nesse período.

O objetivo do estudo é investigar como as músicas de protesto trabalharam como Instrumento de ruptura de um pensamento baseado no adultocentrismo (pensamento que se baseia na sociedade e nas suas diversas dimensões a partir da visão do adulto), pensamento esse que pode ser considerado como instrumento de manutenção de sistema de poder e de hierarquias, esses ideais poderiam interferir não só na vida social do indivíduo, mas também como mecanismos ideológicos sendo utilizado para consolidar a permanência de um sistema político que abrangia a classe dominante e seus ideais, ideais estes que promoviam o "apagamento do ser criança" e invisibilizando a criança e o jovem como sujeito histórico e cultural. Como destacam Goulart de Faria e Santiago (2004), o adultocentrismo projeta sobre a infância apenas imagens nostálgicas, sem reconhecer sua autonomia: "olhamos as crianças brincar [...] não é para eles que olhamos, mas, através deles, para as imagens nostálgicas de nossa infância desaparecida" (BASTIDE, 2004, apud GOULART DE FARIA; SANTIAGO, 2004).

METODOLOGIA

Para a formulação desse estudo foi adotada uma abordagem qualitativa, onde se consistiu na realização de uma entrevista semiestruturada, aplicada a três pessoas, sendo elas uma dona de casa, um pedreiro e um advogado, selecionados a partir de suas distintas trajetórias sociais, com o objetivo de ampliar a diversidade de perspectivas acerca da ideia de adulto "perfeito". As entrevistas foram conduzidas por meio de dez perguntas previamente elaboradas.

Como complemento, foi realizada uma revisão bibliográfica, fundamentada em autores clássicos e contemporâneos das áreas da Sociologia, História e Educação, permitindo articular os dados empíricos às reflexões teóricas sobre adultocentrismo, ideologia, hegemonia cultural e música de protesto como instrumento de ruptura do pensamento de adulto ideal.

RESULTADOS

Os resultados da pesquisa indicam que os três entrevistados compartilham uma perspectiva de adulto ideal fortemente vinculada ao trabalho, à responsabilidade familiar e à obediência nos velhos comportamentos, visão essa construída a partir de experiências marcadas pela pobreza, pelo trabalho precoce e pela ausência ou limitação do acesso à educação básica. A infância dos entrevistados foi descrita como uma fase inexistente, o que reforça a naturalização da adultização precoce e a valorização do trabalho como principal critério de dignidade e reconhecimento social, independentemente da profissão exercida pelos entrevistados (advogado, pedreiro e dona de casa).

Outro ponto relevante foi a centralidade da família na reprodução desse ideal de adulto, sendo apontadas como instituição responsável pela transmissão dos valores como respeito aos mais velhos, disciplina e moralidade. Nesse contexto, a contribuição de Ana Lúcia Goulart de Faria e Flávio Santiago (UNICAMP) torna-se fundamental para a análise, uma vez que os autores problematizam o adultocentrismo como um mecanismo que estabelece fronteiras simbólicas entre adultos e crianças, tratando a infância como invisível ou subordinada. é possível entender como o adultocentrismo se aplica na construção de barreiras simbólicas entre adultos e crianças, lidando a infância como algo invisível ou até mesmo subordinada.

Os adultos tendem a projetar sobre os jovens imagens idealizadas de sua própria infância, sem reconhecer sua própria autonomia enquanto sujeitos históricos, como evidenciam Bastide (2004, apud GOULART DE FARIA; SANTIAGO, 2004): “Que somos nós, para as crianças que brincam ao nosso redor, senão sombras? [...] olhamos as crianças brincar, repreendemo-las quando fazem muito barulho, ou, se deixamos cair sobre seus divertimentos um olhar amigo, não é para eles que olhamos, mas, através deles, para as imagens nostálgicas de nossa infância desaparecida.”

Observou-se também que a sociedade tinha uma (repressão) em relação a comportamentos considerados desviantes, especialmente a recusa ao trabalho. Nesse sentido, o ideal de adulto aparece como homogêneo e pouco flexível, admitindo poucas possibilidades de escolha individual, o que evidencia a força de uma visão tradicional e conservadora da vida adulta.

Por fim, os resultados revelam uma contradição central, embora os entrevistados neguem que a música de protesto tenha exercido influência direta sobre suas trajetórias ou concepções, suas falas demonstram incômodo e rejeição a valores associados à contracultura. Nesse sentido, Batista, Oliveira Júnior e Oliveira (2020) lembram que "a música de protesto constituiu o primeiro movimento musical mais facilmente identificável pelas letras do que pelas harmonias. O fundamental era transmitir o recado [...] a espinha dorsal do movimento era a oposição ao regime militar e aos seus desmandos.". Esse fenômeno pode ser compreendido através da perspectiva de Pierre Bourdieu, quando este afirma que:

> *"O poder simbólico é esse poder invisível o qual só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhe estão sujeitos ou mesmo que o exercem."* (BOURDIEU, P. O Poder Simbólico, p. 7-8).

Tal relação manifesta-se no desconhecimento, por parte do entrevistado, de que suas próprias perspectivas de julgamento foram moldadas pelas canções que marcaram sua juventude. A contradição torna-se evidente ao se cruzar a negação explícita de qualquer influência cultural com as descrições subjetivas acerca das transformações ocorridas em sua trajetória de vida e em sua visão da sociedade.

Os resultados indicam, portanto, uma contradição significativa, embora os entrevistados afirmem não terem sidos influenciados pelas mudanças culturais da época, seus relatos evidenciam uma ruptura prática com o ideal de "adulto perfeito" vinculado ao trabalho na roça. Ao interpretar essa mudança como um evento isolado e de caráter providencial, os entrevistados desconsideram o suporte simbólico oferecido pelo campo da contracultura, que possibilitou a construção de outras formas de existência para além dos limites impostos pela agricultura tradicional.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por tanto a temática de ruptura do ideal de adulto ainda demanda aprofundamento investigativo, especialmente diante das transformações sociais, culturais e geracionais em movimento. Os resultados desta pesquisa evidenciam que o modelo tradicional de adulto, centrado no trabalho, na disciplina e na obediência, permanece fortemente presente na memória e no discurso de sujeitos formados em contextos marcados pela escassez e pela rigidez moral.

No entanto, as contradições identificadas nas falas dos entrevistados revelam que esse ideal vem sendo tensionado por manifestações culturais, como a música de protesto, que introduzem novas formas de compreender a juventude, a autonomia e o sentido do trabalho, ainda que tais influências nem sempre sejam reconhecidas de maneira consciente.

Dessa forma, ressalta-se a necessidade de novas pesquisas que ampliem o número de sujeitos investigados, contemplando assim diferentes gerações e contextos sociais e explorem outras expressões culturais além da música, a fim de compreender de modo mais abrangente os processos de construção e desconstrução do ideal de adulto.

Investigações futuras podem contribuir para analisar como a música de protesto e outras linguagens artísticas continuam a atuar como espaços de resistência e disputa simbólica, revelando a permanência e, ao mesmo tempo, o enfraquecimento de perspectivas que exaltem a visão de adulto ideal. Assim, o aprofundamento dessa temática mostra-se fundamental para compreender as mudanças nas relações entre infância, juventude e vida adulta na sociedade contemporânea.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Mariana de Oliveira Lopes. *Estado Novo: o que foi, características e fim*. Brasil Escola, 2025. Disponível em: https://brasilescola.uol.com.br/historiab/vargas.htm. Acesso em: 22 nov. 2025.

BATISTA, Ozaias Antonio; OLIVEIRA JÚNIOR, Francisco de Assis Cavalcante; OLIVEIRA, Pollyana Mirtis Alves de. *Música de protesto no Brasil: resistência cultural durante a ditadura civil-militar*. Revista de Estudos e Pesquisas em Educação, v. 22, n. 45, p. 134–152, 2020.

BATISTA, Wilson; ALVES, Ataulfo. *O bonde São Januário*. Intérprete: Ataulfo Alves. Rio de Janeiro, 1937. Disponível em: https://youtu.be/f3f7s1aoPdY?si=bDM1maa51K-U-nm7. Acesso em: 10 nov. 2025.

BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Tradução de Fernando Tomaz. 15. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.

CAVALCANTE, Emanuel Bernardo Tenório. *O conceito de adultocentrismo na história: diálogos interdisciplinares*. Fronteiras, v. 23, n. 42, p. 196–215, 2021. DOI: 10.30612/frh.v23i42.15814.

GOULART DE FARIA, Ana Lúcia; SANTIAGO, Flávio. *Adultocentrismo e infância: reflexões sobre a invisibilidade da criança como sujeito histórico*. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 2004.

HERMETO, Miriam. *Canção popular brasileira e ensino de história*. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.